

Gustavo Reis Louro*

Yale University

“Que temos nós com isso?”. Uma resenha de *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial*

Resumo: Em 2020, a poeta Patrícia Lino, portuguesa residente na Califórnia, lança o *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial*, um antimanual que ironicamente busca ajudar o descobridor que existe em cada português a situar-se num mundo que questiona a lógica colonialista. Fazemos aqui uma resenha da obra, chamando atenção para a sua filiação à tópica da crítica da empresa colonial na poesia portuguesa.

Palavras-chave: poesia, poesia portuguesa, colonialismo

Abstract: In 2020, the poet Patrícia Lino, a Portuguese residing in California, publishes *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial*, an anti-manual that ironically seeks to help the explorer who lives in each Portuguese to adjust to a world that defies colonialist logics. We review the work here, stressing its filiation to the topic of criticism to the colonial enterprise in Portuguese poetry.

Keywords: poetry, portuguese poetry, colonialism

Os portugueses se batem com as origens de seu passado colonialista tanto quanto a celebram. Em termos de literatura, e mais especificamente de poesia, a crítica da empresa ultramarina lusitana segue *pari passu* com a sua condenação, em movimentos que vão da imprecação feroz ao lamento sofrido. Da “glória de mandar” e a “vã cobiça” que Camões põe na boca do Velho do Restelo no Canto IV d’*Os Lusíadas* ao “mar portuguez” pessoano, cujo sal vem das lágrimas do próprio Portugal. Isto para ficarmos só nos marcos da literatura portuguesa da Modernidade ao Modernismo. Mais recentemente, Gonçalo Tavares, em sua *Viagem à Índia*, tentou de forma menardiana recriar os passos dos avoengos lusitanos na jornada de um joyceno Bloom, numa época que não vê mais razão de ser para o *epos*.

A este coro, vem juntar-se a voz de uma poeta portuguesa, que escreve do outro lado do Atlântico. Ou melhor, do Pacífico. Patrícia Lino, uma jovem professora e pesquisadora que vive na Califórnia, onde entre os cursos sobre literatura portuguesa e brasileira que oferece, encontra tempo para compor seus experimentos poéticos, como o livro *Não é isto um livro*, lançado no ano passado pela colombiana Ediciones Vestigio, e o projeto audiovisual *I who cannot sing*. Além é claro de um petardo poético: *O kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial*.

Lançado simultaneamente em Portugal pela Douda Correria e no Brasil pelas Edições Macondo, edição que tenho em mãos. Em seu kit, Lino acrescenta uma nota à de seus ilustres predecessores: a troça. Trata-se de um (anti)manual, em que o explorador português que existe em cada patricio de Lino descobre como pode defrontar-se com um mundo anticolonial. Uma coleção de objetos, lugares, práticas, que comprimem os signos do glorioso passado colonial português em cápsulas de riso – ao menos para quem souber rir disso.

Em conversa recente que tive com a autora (via redes sociais, com a devida distância física que os tempos atuais pedem), ela me confidenciou como achava curioso que seu *Kit* venha sendo tratado como poesia, já que ela mesma não o havia concebido dessa forma. Eu repliquei que talvez pelo fato de ela ser poeta, e das grandes, tudo que ela publique no terreno da experimentação artística venha a ser compreendido assim. Uma espécie de comodidade ou mesmo preguiça crítica, uma nova prova de que “os contemporâneos não sabem ler”, como formulou Augusto de Campos. Há outras hipóteses a se figurar, sem dúvida, mas é igualmente verdadeiro que há um certo DNA dadaísta no *Kit*, na medida em que elenca *objets trouvés* poéticos, a partir dos ícones do Império Português, já tão poetizados.

Para ficarmos nos exemplos mencionados antes: um dos itens do kit é o “Manual da Língua de Camões”. Este item é um dos poucos que vêm com um subscrito, neste caso, um comentário: “A pátria onde Camões morreu de fome mas onde todos escrevem como Camões”. Em seguida, a descrição do Manual, composto de 20 capítulos, entre os quais estão “Essa coisa maravilhosa que é o Pá”, “Como usar o infinito” e “É frigorífico, não geladeira”. Já que todos os portugueses são fluentes na língua de Camões tão logo aprendem a falar, o manual só tem utilidade para os membros das ex-colônias – ou “colônias”, conforme a grafia lusa, mantida na edição brasileira – a partir dos 6 anos de idade, como indica o “modo de usar” do Manual.

Este exemplo já bastaria para dar noção da carga disruptiva do kit e de como é seu procedimento: a partir do dispositivo da piada e do *objet trouvé*, dobrar o discurso colonial(ista) contra si mesmo. Esse processo é iconoclástico, sem dúvida, mas também reparador. Camões, um poeta, que soube ver as ambiguidades da empreitada colonial, viu-se convertido em propagandeador por um Império que, afinal, descartou-o. Seu nome é associado à própria língua portuguesa, para perpetuar o legado colonial através do soft power dos monumentos da cultura, que, para evocar a formulação nunca demais

lembrada de Walter Benjamin, são também monumentos da barbárie. Enfim, há muita verdade por trás do riso evocado pelo kit, como aliás, sói acontecer com o riso.



Tabuleiro do *Colônia*

Como o Manual, o kit reúne ainda muitos outros itens, num total de 40, todos os quais mereceriam igual atenção aqui, mas isto é uma resenha, que tem por definição um caráter aperitivo, não exaustivo. Que cada leitor/leitória/leitortx sinta-se instigado a descobrir o *Kit* por si. Mas justamente para ativar essa curiosidade, vale a pena citar mais dois exemplos.

O primeiro item, o “Frasquinho de Mar Português”. Tal como acontece no “Manual da Língua de Camões”, a palavra poética, que é antes de tudo criação e abertura, é petrificada pelo discurso colonial. O kit, contudo, desnuda esse processo. Transformado em frasquinho, o mar português pessoano “funciona como a pastilha de nicotina”, como diz o kit, proporcionando ao usuário “a substância responsável pela interpretação colonial e eurocêntrica do mar, do embelezamento do processo da colonização portuguesa”.

O kit, contudo, não perpassa só o passado mítico-poético. Buscando ser abrangente, também inclui as referências pop mais reconhecíveis. Um dos itens de destaque é a “Colônia”, “a versão colonial portuguesa do Monopólio” (jogo de tabuleiro conhecido no Brasil como Banco Imobiliário). No lugar das aquisições imobiliárias tradicionais do *Monopoly*, os jogadores da *Colônia* devem reconquistar os antigos territórios portugueses: Ceuta, Timor, Angola, Brasil. Como as instruções do jogo deixam claro, a *Colônia* “é um jogo de vencedores”. Afinal de contas, o processo colonial é benéfico a todos. Portugal instaura seu Quinto (e Sexto e Sétimo...) Império. Os colonizados são incorporados às benesses da civilização. A fé e o império dilatados. E enlatados como jogo de tabuleiro para que o jogador se inicie no processo colonial “a partir dos 5 anos”. Quem teve a sorte de adquirir as primeiras edições do kit, foi agraciado com o seu próprio *Colônia*, para aperfeiçoar as habilidades colonialistas.

“Que temos nós com isso?”, pergunta Oswald de Andrade, no visceralmente anticolonial “Manifesto Antropófago”. Muito. Nós, que não somos portugueses, mas que fazemos parte, do imaginário colonial temos muito com isso. As referências podem ser outras. Em vez do sonho sebastianista do Padre Vieira, ao século 21 foi prometida a promessa de felicidade do paraíso artificial da globalização, o avatar contemporâneo do colonização. Os Gamas e os Cabrais de outrora, são os Bezos, os Musks, os Zuckerbergs de agora. O Brasil tem um presidente que pesa quilombolas por arrobas e que responsabiliza indígenas pelas queimadas consomem a Amazônia e o Pantanal. Em tudo isso, é possível reconhecer novos avatares coloniais.

Por isso o kit de Patricia Lino é tão urgente e tão oportuno. Numa feliz metáfora, bem afim ao universo de referências do próprio kit, o posfaciador José Luiz Passos, equivale as fantasias coloniais a Band Aids. Como estes, aquelas tem um caráter paliativo, não curativo, e passam a ser “interinamente, porção de pele. Removê-la dói”. De fato, libertar-se da promessa de um mundo seguro pelo ordenamento neocolonial pode ser doloroso. Que ao menos o façamos rindo.

NOTA

* Gustavo Reis Louro nasceu no Rio de Janeiro em 1991, onde se graduou em Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2013 e concluiu o mestrado em Teoria Literária pela mesma universidade em 2016. Atualmente vive nos Estados Unidos, onde está concluindo o doutorado em Literatura Brasileira no Departamento de Espanhol e Português da Universidade de Yale. Entre seus interesses estão a poesia concreta, a teoria da tradução, formas do Barroco e do Neobarroco e o Tropicalismo musical.